

OE INSISTE QUE HÁ FALTA DE PROFISSIONAIS NA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ANGRA

# Ordem dos Enfermeiros crítica “desculpas de mau pagador”



**SANTA CASA** Ordem dos Enfermeiros alega que 13,3% dos utentes tem úlceras por pressão

A Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo diz que cumpre a lei, mas a Ordem dos Enfermeiros insiste que há falta de profissionais.

A Ordem dos Enfermeiros (OE) nos Açores acusa o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo (SCMAH) de utilizar “desculpas de mau pagador” e de tentar “branquear” as denúncias que fez sobre a falta de enfermeiros na instituição.

“Parece-nos uma desculpa de mau pagador e um exercício de absoluta retórica a referência à legislação em vigor. A legislação em vigor define um conjunto mínimo de recursos, em momento algum fixa um teto máximo para a provisão de pessoal de enfermagem”, salienta, em comunicado de imprensa, acrescentando que a provisão de enfermeiros “deve ir ao encontro das reais necessidades dos utentes”.

Na semana passada, a secção regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros denunciou a falta de, no mínimo, 12 enfermeiros

na Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo, alegando que isso colocaria em causa “o exercício profissional seguro e com qualidade”.

Em resposta, o provedor garantiu que a instituição cumpre os rácios exigidos por lei, citando as portarias que regem o lar e a unidade de cuidados continuados integrados (UCCI). Segundo Bento Barcelos, no lar são exigidos seis enfermeiros e existem 10 e um estagiário e na UCCI, que tem o mesmo número de enfermeiros, só eram exigidos oito. Numa resposta ao provedor, a Ordem cita um relatório da Inspeção Regional da Saúde, que detetou “cuidados de enfermagem “insuficientes”, que são uma “falha sistémica organizacional” e resultam da “inexistência de dotações seguras de pessoal”, garantindo que a mesa administrativa tem conheci-

mento deste documento.

Apesar de reconhecer que houve um esforço da instituição para melhorar a dotação de enfermeiros nos últimos anos, a OE alega que “persiste um quadro de insuficiência de cuidados de enfermagem”, sublinhando que “13,3% da população institucionalizada no lar apresenta úlceras por pressão”.

## IRREGULARIDADES

Segundo a Ordem dos Enfermeiros, a carência de profissionais está na origem de várias irregularidades detetadas no local, também já identificadas pela Inspeção Regional de Saúde, como a distribuição e administração de terapêutica por auxiliares de apoio.

A OE salienta que, ao contrário do que disse o provedor, a “intervenção do enfermeiro é muito mais do que ‘abrir melhor a boca’ do utente”.

“No processo que antecede o ato de administrar é o enfermeiro que valida a prescrição (o medicamento certo, na dose certa, pela via certa, no horário certo, ao utente certo), sendo que a tomada de decisão no

processo de administração terapêutica baseia-se em conhecimentos científicos”, frisa.

O comunicado aponta outras irregularidades, como “a existência de lixo biológico acondicionado no mesmo espaço onde são prestados cuidados de higiene aos utentes”, a “permanência de um utente com indicação para isolamento de contacto no mesmo quarto com outros três utentes” e a “existência de um depósito externo de lixo lateral à janela de um quarto onde permanecem quatro doentes”.

O provedor da SCMAH considerou que o cálculo de dotação segura da OE, que previa a existência de 37 enfermeiros no lar e 26 a 27 na UCCI, era “idealista e inexecutável”, alegando que a Ordem não tinha “atribuição nem competência legal para impor normas ou regulamentos vinculativos a entidades públicas ou privadas”.

No entanto, a Ordem diz que é a si que “cabe determinar a forma como, em Portugal, a necessidade de cuidados de enfermagem é apurada, não se subjugando esta competência à interpretação conveniente das entidades que tão ostensivamente não cumprem rácios mínimos de segurança”.

## CALÚNIAS

A OE considera ainda “ofensivo” e “inaceitável” que o provedor tenha dito que se verificavam “pausas frequentes de serviço” dos enfermeiros que faziam o turno da noite, o que terá levado a uma redução de quatro para dois profissionais (um em cada valência), no início deste ano.

Nesse sentido, exige o “pronto e cabal esclarecimento desta afirmação caluniosa, na sua natureza, e desconsiderante”.

“São, no turno da noite, 185 utentes para dois enfermeiros na sua globalidade, o que resulta, em termos médios, em aproximadamente 92 utentes por enfermeiro”, salienta, acrescentando que mais de metade dos utentes do lar estão “totalmente dependentes”.

A Ordem dos Enfermeiros rejeita ainda as acusações de “protagonismo e alarmismo mediático” e diz que se tratou antes do “necessário esclarecimento do cidadão, com um consequente apelo à sua consciencialização e empoderamento”.

“Estamos preocupados com os utentes e não com o incómodo que uma notícia gerou junto da mesa administrativa”, frisa, acrescentando que “o tempo das visitas institucionais inconsequentes terminou”. ■